

As transformações aceleradas da tecnologia –
solidão, isolamento e a capacidade de ficar só
*The accelerated transformation due to technology – loneliness,
isolation and the capacity to be alone*

Regina Celi Bastos Lima*

Resumo: Hoje, na sociedade pós-moderna, estamos vivenciando uma experiência psíquica afrontada por transformações históricas, socioeconômicas e culturais dominadas pela voracidade do neocapitalismo. Nesse contexto, experimentamos permanente tensão nos diferentes registros: na política, na economia, na religião, na educação, na ciência e na arte. Nas três últimas décadas fomos arrebatados pelo avanço acelerado da tecnologia – “para o bem ou para o mal”. O cenário global se transformou com a chegada da internet, nublando a fronteira entre o interno e o externo. Quais as consequências nas subjetividades diante dessa transformação global? Neste trabalho, tentarei articular as questões socioculturais com a psicanálise. Destacarei o processo maturacional, a partir da solidão essencial, favorecendo a criatividade e a autonomia do indivíduo, na conquista da “capacidade de ficar só”.

Palavras-chave: Sociedade pós-moderna. Neocapitalismo. Internet. Solidão. Criatividade. Capacidade de ficar só.

Abstract: *Today, in post-modern society, we are living a psychological transformation caused by historical, socio-economic and cultural changes dominated by the voracity of neo-capitalism. In this context we experience a permanent conflict in different areas: in politics, economics, religion, education, science and art. In the past three decades, we have been swept away by the accelerated advance of technology - “for good or for evil”. The global setting has changed with the arrival of the internet, blurring the border between internal and external. What are the consequences on the subjectivities in face of this global transformation? In this work, I will try to combine socio-cultural issues with psychoanalysis. I will highlight the maturational process, from the essential loneliness, favoring the individual’s creativity and autonomy, in the quest for the “capacity to be alone”.*

Keywords: *Post-modern society. Neo-capitalism. Internet. Loneliness. Creativity. Capacity to be alone.*

* Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ).

1 - CENÁRIO SOCIOCULTURAL

O mundo atual nos coloca frente à dissolução simbólica dos suportes sociais e culturais vividos na Modernidade. Suportes que, idealmente, sustentavam o sujeito no seu anseio de guardar sua interioridade e seguir em direção a uma sonhada autonomia e liberdade. Essas referências favoreceriam o estabelecimento das relações objetais idealizando um encontro humanizador. Hoje, na sociedade considerada pós-moderna, infelizmente, estamos vivenciando uma experiência psíquica afrontada por transformações socioculturais e econômicas dominadas pela voracidade incontrolável do capitalismo. O mercado tornou-se soberano, despertando uma compulsão ao consumismo. Todas as coisas devem ser devoradas e abandonadas quase tão rapidamente quanto surgem no mundo. Incentivadas por inúmeras informações de diferentes áreas, as pessoas se lançam numa busca acelerada de rentabilidade e felicidade. Nossas mentes ficaram confinadas ao imediato. A principal mudança da atualidade é que as pessoas precisam “vender” para os outros que estão felizes. Na hora em que se deparam com uma situação de mal-estar, entendem isso como fracasso.

Observamos a crescente cultura do narcisismo, um individualismo assustador, onde a alteridade é desconsiderada (frequentemente ocultando um anseio subjacente pelo “outro”). A narrativa recorrente que se ouve é a de estímulo ao empreendedorismo. Destaco neste momento a fala de Isleide Fontenelle, professora da Fundação Getúlio Vargas, onde ministra a disciplina sobre a cultura de consumo com o olhar da psicanálise: “isso significa jogar sobre os ombros de cada um a responsabilidade sobre o seu sucesso e o seu fracasso... Isso cansa e provoca intensa angústia” (2020, p. 300). Byung-Chul Han atribui “exaustão pelo excesso de positividade e de produtividade, trazendo a ideia de que metas são alcançáveis – ‘basta se esforçar!’” (2017).

A cultura do consumo se baseia justamente na ideia de que “se você quer você pode”. Na visão do psicanalista J. Birman,

num país desigual como o Brasil isso é uma grande ilusão. Será o pobre que mais sofrerá com o ideário de que as pessoas devem ser empreendedoras. Para conseguir empreender é preciso ter sorte, recursos e condições simbólicas para isso, como capacidade de pensamento, domínio da linguagem e entendimento de como funciona a sua cidade (2012).

Esse é um mercado que se estrutura na venda de soluções rápidas e da “satisfação imediata” produzindo, na verdade, intensa angústia na sociedade.

As pessoas correm exaustivamente de um lado para outro buscando um lugar, o seu lugar.

Estamos vivendo tensas experiências em diferentes registros: a política “entrou na categoria do espetáculo, dos afagos ao ego, das manipulações” (BUCCI). Junto a isso a economia digital influencia as eleições, abalando a democracia. Os religiosos e os *coaches* exibem discursos aquietantes, levando os crentes à obediência cega. O mercado da indústria de calmantes e antidepressivos impõe a camisa de força química. Observamos um descuido total com a educação, com a natureza, com a ciência e com a arte, o que aponta para uma recusa da nossa cultura, da nossa história e da nossa transgeracionalidade. Evidenciamos, no ser humano, uma situação de profunda insegurança. E J. Birman (2012) afirma: “um desalento vem se instalando no ser humano, enfraquecendo intensamente referências psíquicas internas e externas”, dessa forma, nublando o dentro e o fora. A sensação é de estarmos submetidos aos registros de uma desterritorialização e de uma destemporalização.

2 - A TECNOLOGIA DIGITAL

Nas três últimas décadas fomos arrebatados pelo avanço acelerado da Tecnologia Digital que, associado às mudanças socioculturais, econômicas, demográficas, etc., tende a provocar impacto brutal na sociedade. As transformações do espaço, do tempo e da ética ficaram evidentes: o espaço se amplia de maneira infinita, a experiência com a temporalidade se revela estranha à corporeidade humana, e facetas do humano ficam na invisibilidade. Consideramos certamente a importância dos avanços tecnológicos que muito nos beneficiam, principalmente, aos que atendem às diferentes áreas da saúde e da educação. Destaco a extensão da comunicação pela internet que nos conecta de forma global – e instantaneamente. É impressionante a transmissão dos mais diversos conhecimentos envolvendo diferentes áreas, inclusive possibilitando a telepsicanálise.

Presenciamos a difusão da internet por celulares, *smartphones* e *tablets* por vinte e quatro horas ininterruptamente. Os celulares são expostos para consumo em diferentes cores e formas – quem tem o mais avançado e o mais possante? Tudo parece ser colonizado pela lógica do mercado. Essa infinidade de possibilidades tecnológicas oferecidas pelo celular desperta nas pessoas uma “devoção” tal que, obliteradas por sua magia, se perdem ao usá-lo exces-

sivamente, a tal ponto de não mais sabermos quem é o instrumento: o celular ou as pessoas? Ligado ao imediatismo da tecnologia, o impulso do ser humano “deixou de ser atrelado ao desejo – situação em que a satisfação é adiada – e passou a se prender ao gozo, em que a satisfação é ilusoriamente realizada” (FONTENELLE, 2020, p. 302).

Pesquisadores não param de criar novas tecnologias e, rapidamente, lançam à obsolescência o que já existe. Acrescentam a tudo isso objetivos assustadores (para o bem e para o mal). Desenvolvem uma categoria violenta de “*fake news*” e “*deepfakes*” com grande potencial de estrago (Revista Valor Econômico, 24/5/2019). Especialistas alertam para o alcance tecnológico destrutivo, que dissemina os frutos da IA (Inteligência Artificial) contribuindo, muitas vezes, para a desinformação, que já é o principal motor da economia digital, gerando lucros estratosféricos (The Fifth Against Disinformation in the US: A Landscape Analysis, 2018). A hiperinflação de informações provoca grande fadiga, abolindo a diferença clara entre informação e formação. Somos monitorados em nossos interesses e preferências, que nos impelem, por vezes, a comportamentos bizarros. Por que nos sentimos por vezes desorientados diante da imensa quantidade de dados a que estamos expostos cotidianamente? Por que identificamos informações falsas em nossos celulares e, mesmo assim, impulsivamente, paramos para olhar, ler e passar adiante? Segundo Harari (Revista Valor Econômico, 3/1/2020), “A IA é sofisticada, adulterando som e imagem, colocando sob risco a privacidade, a autonomia e até mesmo a relevância do ser humano”.

Considero que vivemos um curto-circuito no tempo e, aprisionados na máquina, tudo se passa como se estivéssemos vivendo num eterno presente. A descontinuidade, a negatividade e a alteridade são desconsideradas. A interrupção do sono é frequente. Detectamos uma baixa nas condições do ciclo vital de diferentes formas. A vida se apresenta excessivamente positivada, exposta, externalizada. Assistimos ao colapso do anonimato e da intimidade. Não há lugar para o descanso, para o ócio, para o retiro onde se poderia acolher o silêncio, o sono e alojar o sonho. Diante desse universo hostil pergunto: Quais serão as consequências nas subjetividades contemporâneas?

3 - A PSICANÁLISE

Frente às transformações socioculturais levantadas acima, percebo na clínica o acirramento de sofrimentos: intensas angústias inerentes à solidão, ao pânico,

ao vazio e à depressão. Na clínica, pacientes com características peculiares nos obrigam a rever, continuamente, pressupostos teóricos e procedimentos técnicos – uma ressignificação da clínica se impõe (tenho me apoiado em Ferenczi, Winnicott e Roussillon). Temos que nos posicionar como eternos aprendizes, tateando e descobrindo novas maneiras de caminhar na psicanálise. Venho construindo hipóteses, tentando traduzir as novas dores, considerando a história do paciente e as questões atuais que os atravessam. Percebo um universo simbólico empobrecido – pacientes adoecidos por uma impossibilidade de ser, de ser um com o outro, de ser no mundo. Ouço relatos, por vezes fragmentados, que anunciam um descentramento de si mesmos. Expressam frequentemente uma não esperança de encontrar na cultura e na sociedade o amparo necessário para a superação de suas dificuldades psíquicas e para um encontro humano significativo.

Ao lado desses inquietantes temas, vou dar relevância às questões do sujeito imerso no mundo virtual tecnológico. Chama atenção o número de pessoas falando nos celulares, nas ruas, no trabalho, nos locais de entretenimento, nos restaurantes, no ambiente familiar. Tornou-se imperativo que todas as pessoas tenham um celular e, se não o possuem, sentem-se excluídas da sociedade. Salta aos nossos olhos o comportamento de alheamento, de isolamento, de “isolamento/juntos”, que observamos nos encontros sociais e nas famílias aderidas aos celulares, anulando o “olho no olho”, fragilizando os laços humanos. A prioridade é para os relacionamentos em “rede”, os quais podem ser tecidos ou desmanchados com facilidade. Observamos também relações sem nenhum contato, além do virtual, abolindo a intimidade real, evidenciando uma diluição da sensorialidade, uma invisibilidade dos corpos. Não sabemos mais manter laços de longo prazo – situação há tempo anunciada pelo grande pensador da modernidade Zygmunt Bauman (2004). Estarrecida, percebo que os afetos e o amor nas relações também estão submetidos às imagens e à lógica capitalista.

Testemunhamos situações inusitadas. Conectividade total à internet. Constantemente nos deparamos com pais desorientados: – “não sei mais o que fazer... ele não larga o celular!” (crianças com quatro/cinco anos). Os pais têm muita dificuldade de impor limites, pois estão também apegados a seus celulares. Expressam grande sentimento de culpa. Muitas vezes, terceirizam os cuidados dos filhos para a escola e para a internet, que vira uma “babá”. Frequentemente a família se comunica dentro de casa pelo celular. Os filhos se mostram carentes, retraídos, silenciosos, desafiadores, agressivos. Muitos adolescentes permanecem horas a fio conectados às redes, trancados no quarto –

“geração do quarto” (Hugo M. F., Palestra proferida no CPRJ, 2020). Instala-se um isolamento “patológico”, por vezes, com consequências graves como mutilações e suicídios. Alguns se denominam trans-humanos e podem chegar à psicose. As crianças apresentam grande dificuldade de interação, acompanhada de relevante prejuízo no brincar. Nessa hipertrofia de informações pela internet fica evidente a dificuldade da criança, do adolescente e de muitos adultos de lidar com “a espera” – a satisfação tem que ser imediata. Identificamos irritabilidade, alterações no sono (insônia), hiperatividade, dificuldade de concentração, etc. No adolescente e no adulto, as queixas referem-se à depressão, ao sentimento de fracasso, à falta de sentido na vida, à solidão, ao vazio, à futilidade, ao tédio excessivo, à insônia, à desesperança. Poucas questões são relativas ao desejo e/ou à relação com o outro.

Descreverei resumidamente os processos e os fundamentos da constituição do si mesmo que viabilizam a conquista da “capacidade de ficar só”.

A conquista da capacidade do indivíduo de ficar só, na perspectiva de Winnicott, é um dos sinais mais importantes de amadurecimento no desenvolvimento emocional (1958). Como se inicia? Qual é o estado do indivíduo humano quando o ser emerge do interior do não-ser? Esse estado envolve um paradoxo: “no princípio há uma solidão essencial e ao mesmo tempo, tal solidão somente pode existir em condições de dependência absoluta” (WINNICOTT, 1958/1990, p. 153). Ao nascer o bebê, a mãe é sua anfitriã e com sua presença, sem ruído, sustenta o existir do novo ser humano que é destituído de qualquer conhecimento sobre a existência do ambiente e do amor nele contido. A mãe se apresenta com “devoção” para atender às demandas ontológicas do bebê e o convoca a viver. Ele passa de um estado de não estar vivo para o de estar vivo. Na sua quietude, a mãe é confiabilidade, é intimidade, é hospitalidade. Dessa forma o bebê pode viver e guardar essa fundamental experiência de solidão, cuja evolução vai se configurando num núcleo sagrado, íntimo e pessoal que jamais poderá ser violado. Nesse momento, algo se configura na base do humano

ao mesmo tempo em que existe uma solidão essencial, um fundo intocável, eternamente imune a qualquer comunicação com a realidade externa, uma outra parte do indivíduo é lançada na luz do mundo, para que seja possível nele habitar, para que a vida, que inclui viver na proximidade das coisas e com-o-outro, possa se instaurar e acontecer (DIAS, 2011).

Pela vida afora continuará a haver no indivíduo a solidão fundamental, inerente e intocável, ao lado da qual continuará existindo a inconsciência sobre as condições indispensáveis a este estado de solidão.

Após viver essa sofisticada e fundamental experiência de solidão, a díade mãe-bebê embarca numa jornada responsável pelo amadurecimento pessoal do bebê. Surge então um estado de abertura de sentidos no bebê que o orientará na busca de um outro, para além de si. Mãe e bebê vão transitando por diferentes realidades representadas por três momentos que marcarão a posição do bebê diante do mundo: a constituição do objeto subjetivo, a experiência transicional e o uso do objeto (mãe) na realidade compartilhada. O bebê vivencia diferentes sentidos de realidade. Esse trânsito se tornará possível por derivar do fato de ter iniciado sua existência na vida a partir da raiz constituinte da essência do humano – o núcleo sagrado citado acima.

A mãe convive no mesmo ritmo, no mesmo compasso do bebê, promovendo a experiência de mutualidade – um encontro ético, estético e humanizador. Modalidade de intensa comunicação emocional, uma “sintonia dos afetos” se estabelece inaugurando o espaço potencial onde mãe e bebê vivem experiências intercorpóreas fundamentais (STERN, 1992). Nesse solo fértil, onde todas as suas necessidades são atendidas, o bebê não confronta – o bebê cria. Aqui vigora o paradigma winnicottiano onde a tensão instintual não se vincula à ideia de conflito e sim ao fruir da força vital e da criatividade inata primária. Entramos no reino da ilusão, da onipotência. Com o seu gesto espontâneo o bebê cria o que está lá para ser criado. Torna-se um criador. Funda-se o Ser. A mãe, após propiciar a oportunidade de o bebê viver a ilusão, vai gradativamente possibilitar a desilusão. O bebê se capacita para as frustrações do desmame. O imaginário se expande. O paradoxo ilusão/desilusão se instala para sempre em nossas vidas.

Nesses primórdios, observamos as raízes do ser humano, que possibilitam ao bebê atingir o estágio do “eu sou”. A criança, nesse momento, introjeta a presença confiável, amorosa e protetora da mãe, validando a base da maturidade emocional. Dessa forma, o processo de internalização da função materna sustenta a situação emocional no tempo. O amadurecimento está fluindo. O bebê, no universo subjetivo, se abastece de experiências do “si mesmo” e caminha para o encontro com o “não-ser”, com a realidade externa. Winnicott valoriza essa conquista no amadurecimento, expressando o paradoxo: “A capacidade de ficar só na presença de alguém”. A ponte possível para chegar ao “não-ser” será na área transicional. Área de experiência, que tanto une como

separa o bebê e a mãe, o indivíduo e a sociedade. Esse paradoxo, uma vez aceito, é valioso, infinitamente enriquecedor em função da exploração do vínculo cultural com o passado e com o futuro. São experiências culturais que estão em continuidade direta com o brincar, com a ciência, com a arte, com a religião, permitindo a continuidade da espécie humana que transcende a existência pessoal de ser história e fazer história. A partir daí, o ser adquire o sentido de ser, de ser real e viver experiências que o capacitam a usar o objeto como algo externo e separado, reconhecendo-o como entidade por seu próprio direito. O simbólico se expande! A criança joga com os símbolos num movimento de vai e vem de um estado de estar fundido com a mãe, para um estado em que está em relação com ela. Gradualmente, o ambiente (mãe) auxiliar do ego é construído e internalizado dentro da personalidade do indivíduo, de modo a surgir a capacidade de estar realmente sozinho (na presença de alguém). O estatuto unitário é alcançado! Cria-se um mundo de realidade compartilhada, que o sujeito pode usar e que pode retroalimentar a substância diferente-de-mim dentro do sujeito (WINNICOTT, 1971).

Sem a suficiência dessas experiências, da origem ao reconhecimento da alteridade, “a capacidade de ficar só não se desenvolveria”. “A pessoa que não conquistou essa capacidade não experienciou a solidão acompanhada – a ‘solidão com’, vive o estar só como – ‘solidão sem’, caindo no vazio afetivo ou procurando a interação permanente com outros” (LEJARRAGA, 2012). Durante toda a vida, o desejo de alcançar esse estar sozinho é frequentemente bloqueado por diversas ansiedades. Nas condições adequadas, o “núcleo solidão com” se oculta no interior da pessoa saudável e sua sacralidade poderá ser revisitada sempre que necessário. Nesse lugar a pessoa se reabastece afetivamente e pode partir para a interação com o outro e com o mundo.

Penso aqui na sofrida busca de uma pessoa que vivenciou a “solidão sem” e não encontra o repouso, a paz. Observamos a busca incessante de uma morada virtual, tentando não se perder de “si-mesmo”. Uma intensa adicção aos jogos na internet parece expressar uma tentativa “perigosa” de obter uma identidade virtual. Usam o espaço cibernético como recusa do humano, configurando um isolamento patológico.

Todas as passagens relatadas, de um sentido de realidade ao outro, nos trazem a memória do que é significativo no encontro humano. “Memória esta, tão necessária e tão atingida nesse mundo submetido a uma virtualidade excessiva, que conspira contra as dimensões originárias e ontológicas do homem, aquelas que nos singularizam como seres humanos” (BARRETO; NOVINSKY, 2006).

Não sabemos para onde vamos! Presenciamos em muitas pessoas uma “devoção” à tecnologia digital, uma submissão à hiperinflação imagética, interferindo nas subjetividades, transparecendo uma alienação, levando a uma intensificação a um grande número de pessoas, expandindo o universo do Mesmo, do Simulacro, da Solidão torturante. Quadros depressivos graves, frequentemente são vistos como mecanismos psicológicos que podem desencadear automutilações e comportamentos suicidas. O mundo virtual e o real muitas vezes se confundem, evidenciando uma “psicose pós-moderna, a psicose virtual” como aponta Gilberto Safra (Palestra 31/8/2019). A preocupação maior hoje é com as crianças adictas ao celular que, infelizmente, abortam o brincar, o que pode causar diferentes transtornos psíquicos, que recebem os mais diferentes diagnósticos. “Todo brincar funda mundos, organizando tempo e espaço, instituindo modos de ser. No brincar aparece o sonho da utopia, que é o fundamento da esperança. O brincar leva a criança a jogar com os símbolos e se colocar em trânsito” (SAFRA, 2006, p. 13).

Hoje também neurocientistas, preocupados com as crianças viciadas no celular, alertam para neurotransmissores que influenciam o comportamento: a dopamina, busca repetida pelo prazer, atua na mesma área cerebral da droga. A melatonina altera o ciclo biológico pela luminosidade excessiva do celular. Pesquisadores franceses liderados pelo neurocientista Michel Desmurget, com vasta publicação científica – Diretor do Instituto Nacional de Saúde da França, apresenta dados concretos e de forma conclusiva, de como os dispositivos digitais estão afetando seriamente – e para o mal – o desenvolvimento neural de crianças e jovens. Alerta também para o comprometimento cognitivo. Os principais alicerces da inteligência são afetados: linguagem, concentração, memória e cultura. Ele chama essa geração de “Geração Digital”: e destaca um impressionante resultado da pesquisa: “pela primeira vez, filhos têm QI inferior ao dos pais”.

Finalizando, nós psicanalistas não temos ainda um “saber” construído, mas percebemos, apreensivos, mudanças consideráveis no desenvolvimento mental e na subjetividade do ser humano. Há algum tempo venho refletindo e pensando sobre essas questões, especialmente na dimensão do sono e do sonhar como reserva físico-simbólica, fundamental para o desenvolvimento psíquico. O sono é essencial para restabelecer a estabilidade neuronal. Depois de um dia de atividade, o repouso nos prepara para o próximo. Venho me interessando muito por esse tema desde um encontro Spinoziano com o livro “24/7 - *Capitalismo Tardio e os Fins do Sono*”, do ensaísta americano Jonathan Crary

(2014). Mais recentemente, Desmurget, M. no seu livro “*TV lobotomie: La vérité scientifique sur les effets de la télévision*” (2011) também chama atenção para esse fator: “O sono está quantitativamente reduzido e qualitativamente degradado”. Infelizmente o sono está sendo interrompido pela alta conectividade à internet. A fim de aumentar a produtividade no trabalho, ante a ofensiva capitalista, seria o sono a última trincheira a ser ultrapassada? Podemos supor que se avizinha importante mudança antropológica no homem pós-moderno? Para onde estamos indo?

Regina Celi Bastos Lima
reginacbl@hotmail.com

Referências

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BARRETTO, K. D.; NOVINSKY, S. *Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Sobornost, 2006.

BIRMAN, J. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DIAS, E. O. *Sobre a confiabilidade e outros estudos*. São Paulo: DWW Editorial, 2011.

FONTENELLE, I. Redes de desejo ou de gozo? Experiência de consumo e novos agenciamentos tecnológicos. *Revista de Administração de Empresas*, v. 60, p. 299-306, 2020.

HAN, B-C. *Sociedade do cansaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARARI, Y. N. *Revista valor econômico*, 2020.

LEJARRAGA, A. L. *O amor em Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

SAFRA, G. *Hermenêutica na clínica contemporânea*. São Paulo: Sobornost, 2006.

STERN, D. *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992

WINNICOTT, D. (1958). A capacidade para estar só. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.